

consciente pelos sentidos, senciente. O convite ao presente não é uma evidência, é um desafio imenso. 'Ver é esquecer o nome da coisa que se vê' (Paul Valéry).

Numa tarde soalheira de 1979, Robert Irwin compareceu à cerimónia do seu doutoramento *honoris causa* pelo San Francisco Art Institute. Tinha decidido recusá-lo, mas apercebera-se da necessidade de ali se deslocar para, à laia de discurso, fazer uma única declaração: 'All I want to say is that the wonder is still there.' •

3.35 Gravura: marcas e vestígios condensados entre vazios e cheios

Lurdi Blauth*

Abstract. *This article is an approach on possibilities of creating images through different engraving procedures, displacing engraving traditional means so as to test its limits between the concepts of empty and full. The graphic production nominated Sílex series, has been analysed biased on the postulations present in the actions of engraving wood by burning it, and subsequently keeping its remaining fragments condensed in paraffin, seeking approaches with the artist Shirlei Paes Leme's frozen smoke drawings.*

Keywords: *contemporary printing, empty, full, engraving.*

Resumo. *Este artigo aborda possibilidades de criar imagens através de diferentes procedimentos de gravação, deslocando os meios tradicionais da gravura para testar os seus limites entre os conceitos de vazio e de cheio. A produção gráfica, denominada como série Sílex, é analisada sob o viés de pressupostos presentes nas ações de gravar matrizes pela queima, cujos fragmentos são condensados na parafina, buscando aproximações com os desenhos de fumaça congelada da artista Shirlei Paes Leme.*

Palavras chave: *gravura contemporânea, vazio, cheio, gravação.*

Introdução

Esta investigação é oriunda da área da gravura, porém, os procedimentos de gravação de matrizes são realizados por meio da ação do fogo. O gesto de queimar provoca a carbonização e dilaceramentos, sendo estes fragmentos de matrizes capturados e condensados em blocos de parafina, resultando na produção da série denominada de *Sílex*.

A presença do fogo é observada em desenhos realizados pela artista brasileira Shirley Paes Leme, cujas imagens são semelhantes a sopros de fuligem sobre os papéis, realizados com fumaça de vela congelada. Esse processo também ocorre em alguns trabalhos da série *Sílex*, quando a parafina captura fragmentos de carbono, formando desenhos com a fumaça da matriz em combustão.

* Brasil, Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Artista visual, pesquisadora, professora universitária. Diversas exposições individuais e coletivas. Doutora em Poéticas Visuais, PPGAV, Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Doutorado/sanduiche, Université Pantheon-Sorbonne, Paris I, França.

Nesta comunicação apresento alguns conceitos oriundos dos meios de gravação e impressão, cujas operações envolvem concepções opostas entre o cheio e o vazio, entre acasos e permanências. Estas questões são detectadas na minha produção de imagens e articulam algumas aproximações com os desenhos congelados de Shirley Paes Leme. A artista nasceu em Cachoeira Dourada, Goiás/ GO, 1955, formada em Belas Artes, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Atualmente vive e trabalha em São Paulo, professora na Faculdade de Santa Marcelina, São Paulo. Tem experiência em instalação, gravura, desenho, escultura, vídeo e cinema.



Figura 1. *Sílex V*, 2002. 12 módulos de parafina, 30x20x2,5cm (cada). Vista lateral. Fonte própria.

1. Série *Sílex*: gravações entre cheios e vazios

Atualmente, as imagens produzidas com meios que envolvem a gravação, impressão e outros processos de reprodução, podem nos remeter simultaneamente ao diálogo com procedimentos oriundos da história da gravura, bem como, evocar a transgressão dos seus limites,

interrelacionando a pluralidade de questões híbridas presentes na arte contemporânea. A gravura mesmo conservando as suas especificidades técnicas mais originais, ela é um meio *em aberto*, com possibilidades de dialogar com diferentes linguagens, com os processos do desenho, da pintura, da escultura, de meios digitais produzidos com a tecnologia do computador, da fotografia, entre outras operações gráficas.

A elaboração de uma gravura, conforme Buti (2002, p.15), “corresponde uma rede de associações, influências, memórias, conhecimentos, reflexões que, justamente ao realizar-se, atinge a máxima concentração e exigência: torna-se forma”. No meu processo de criação, as matrizes são gravadas pelo uso do fogo, deslocando procedimentos convencionais de subtrair e de esvaziar áreas de uma superfície. A queima provoca *outras gravações*, cujas marcas e resíduos são incorporados aos trabalhos, os quais foram denominados de *Sílex* (Figuras. 1 e 2).



Figura 2. *Sílex III*, 2002. 72 módulos de parafina 14x14x4cm. Vista lateral. Fonte própria.

Nestas obras, o elemento fogo foi utilizado como meio de gravação para gerar esvaziamentos e, devido a eliminação de determinadas áreas da superfície de madeira, nessa série *Sílex* são redimensionadas as oposições convencionais de gravar vazios e cheios. O vazio não é reduzido à sua forma circunscrita entre as superfícies cheias da matriz, ao contrário, ele é provocado no sentido de gerar esvaziamentos. Em outras palavras, o vazio não é resultante de uma área determinada, porém constituído pelos esvaziamentos que se abrem entre os fragmentos provocados pelo processo de combustão. Paradoxalmente, o vazio se configura como um *vazio ativo* que emerge no momento de contato entre a desestruturação e estruturação da matéria.



Figura 3. Shirley Paes Leme. *ST* 1980. Fumaça congelada sobre papel. Sem referencia das dimensões. Catálogo da artista, *Correr o risco*, p.60.

1.1 Condensações e os desenhos com fumaça congelada

Nos trabalhos da série *Sílex*, os fragmentos das matrizes são resgatados durante o seu processo de carbonização pelo congelamento

nos blocos de parafina, cristalizando as marcas e os vestígios no momento da destruição. Nesse percurso, a matriz, ao ser queimada, transforma-se progressivamente pela perda da sua matéria e, nessa passagem, explícita, na sua irreversibilidade, a permanência de vestígios na parafina. Nesse sentido, as imagens não se configuram mais em seus aspectos determinantes pela sua rigidez técnica de reprodução, mas, ao contrário, o domínio é exercido por essa flutuação rítmica e orgânica, deixando agir o *tornar-se*.

Os acasos, ao serem incorporados, me possibilitaram penetrar e me aprofundar na matéria e não apenas criar marcas na sua superfície. Entende-se que nesse processo de ocasionar a metamorfose da matéria, os acasos não são aleatórios e vagos, mas ativados por uma determinada ação.

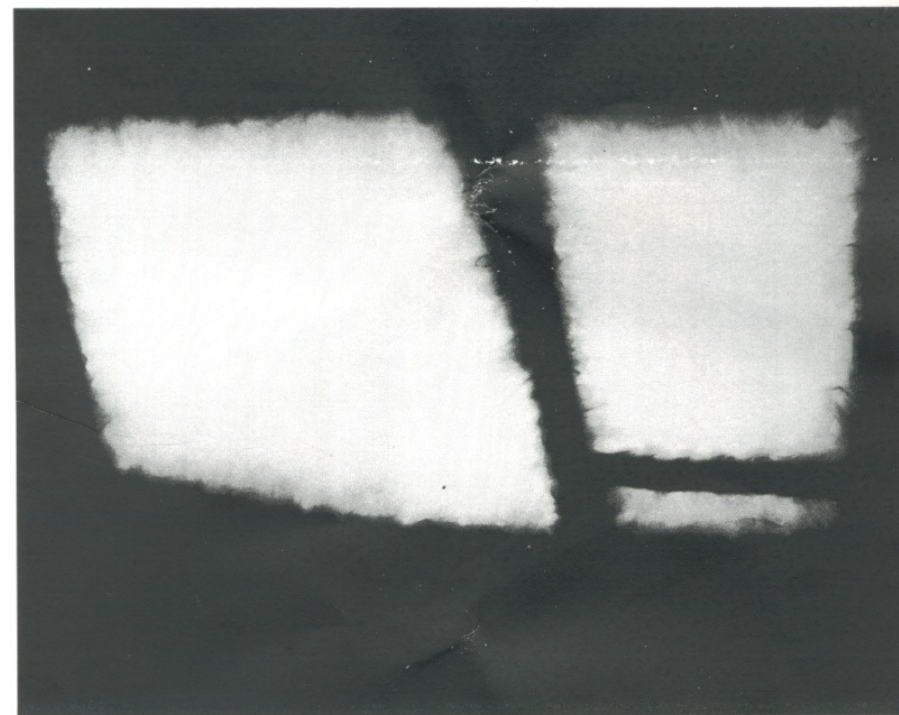


Figura 4. Shirley Paes Leme. *Through the window* 1997-98. Fumaça congelada sobre tela, 100x140cm. Catálogo da exposição São (1998), MAC POA,RS.



Figura 5. Shirley Paes Leme. *Through the window* 1997-98. Fumaça congelada sobre tela, 100x140cm. Catálogo da exposição São (1998), MAC POA, RS.

Ao observarmos a série de desenhos realizados com fumaça congelada pela artista Shirley Paes Leme, detectamos algumas aproximações com a minha produção gráfica da série *Sílex*, principalmente pela ação de capturar e cristalizar formas a partir da utilização do fogo (Figuras. 3, 4 e 5).

Shirley Paes Leme, com uma técnica pessoal, cria estes desenhos a partir do gesto de queimar uma vela, a qual desprende fumaça, gerando imagens que são fixadas sobre papéis ou tela. Nestas imagens, notamos a presença do efêmero, cujas densidades e levezas, configuram linhas ou manchas, provocando semelhanças a sopros de fuligem que, ao mesmo tempo em que se fixam, temos a sensação de que a fumaça, pela sua característica inconstante, pode se desfazer a qualquer momento. Adriano Pedrosa e Verônica Cordeiro (2000, p.63), observam:

Passagem fugaz e antimatérica de elementos da natureza é também capturada com fumaça congelada que grava o que parecem sopros negros sobre o papel. Contrários ao processo tradicional da gravura, esses desenhos não incidem por meio de linhas marcadas ou incisões feitas sobre a matriz rígida e passiva. Demonstram a captura de impressões deixadas no ar, em vão, da passagem de elementos vivos e reações químicas da natureza.

Nesses desenhos, Shirley tenta deter o aspecto de algo volátil que se esvai no espaço, onde o acaso é incorporado nas imagens. Porém, é um acaso aceitável, por ser uma ação que é deliberadamente provocada pela artista. Esse processo também ocorre em alguns dos meus trabalhos quando a parafina aprisiona os desenhos realizados pela fumaça da matriz em combustão.

Podemos dizer que, os trabalhos da série *Sílex* e os desenhos de fumaça de Shirley, embora com procedimentos diferentes, configuram-se pela captura destes estados de passagens entre o queimar matrizes e o queimar com a vela. De um lado, a queima dilacera a matéria das matrizes e, o suporte, no caso a parafina, no momento em que é aquecida, se liquefaz ao mesmo tempo em que se solidifica, tornando permanentes pela condensação, os fragmentos da matéria em seu processo de combustão. E, nessa passagem entre a instabilidade e a estabilidade, entre o contato e a perda, a impressão através da parafina torna visíveis os vazios que se desvelam entre os interstícios das fagulhas e fragmentos carbonizados, constituindo-se em cheios densos no momento da solidificação. De outro lado, nos desenhos da obra de Shirley Paes Leme, a fumaça ao ser capturada pelos suportes – de papel ou tela – evoca, simultaneamente, estados de concentração máxima de matéria nas áreas dos negros densos, e também pelo

esvaecer-se da matéria, como algo a se dissipar e se metamorfosear pelo espaço.

Portanto, nessas obras observamos uma certa tensão gerada pelo confronto entre a materialidade e a imaterialidade, entre presença e ausência. No espaço plano das superfícies dos papéis ou das telas de Shirley, ocorre a captura de uma matéria fugaz que se imobiliza, e nesse contato sinaliza-se uma presença da fumaça e da ausência do fogo. Já nos blocos de parafina, percebemos o acúmulo de uma multiplicidade de fragmentos de vestígios mínimos, gerados pela perda de matéria. Para Bachelard (1991, p.35), “parece que a matéria tem dois seres: seu ser de repouso e seu ser de resistência. Encontramos um na contemplação, o outro na ação”.

Nessa passagem ocorre a transformação da matéria, explicitando, na sua reversibilidade, a presença de uma matéria ausente, as marcas de esvaziamentos. No percurso de ambos trabalhos percebemos que as imagens evocam dois aspectos: ao mesmo tempo em que é o lugar onde se forma a imagem por semelhança, também provocará o desaparecimento dessa semelhança primeira, sinalizando um vir a ser, um caminho anterior, evocando, talvez, entre o contato de vazios e cheios, a memória e a efemeridade do estado primordial da matéria. •

Referências:

- Bachelard, G. (1991) *A terra e os devaneios da vontade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Buti, M. (2002) “A gravação como processo de pensamento.” In Buti, M. e Letycia, A. (org.) *Gravura em metal*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado.
- Pedrosa, Adriano; Cordeiro, Verônica. (2000) *Shirley Paes Leme: Correr o risco*. Catálogo.